

AUDIÊNCIA DE DOM LUIZ CAPPIO COM O PRESIDENTE LULA (NOTAS PROVISÓRIAS)¹

RUBEN SIQUEIRA *
HENRIQUE CORTEZ **

1. A AUDIÊNCIA

1.1. De início, Dom Luiz Flávio Cappio, referindo-se ao curto diálogo que tivera a sós com o presidente, minutos antes, disse que, como combinado, então falara o coração e que agoraalaria a razão... Agradeceu o “gesto de grandeza” do presidente em ter suspenso as obras da Transposição na negociação que pôs fim à greve de fome, o que incluía esta audiência, e ter aberto o diálogo que inexistia. Referiu-se ao apoio surpreendente e extraordinário que teve o seu gesto (“milhões de adesões pela Internet”) e entregou ao presidente um calhamaço com milhares delas. Passou, então, a apresentar os documentos resultantes do Seminário *Que todos tenham vida*, acontecido em 14 e 15 de dezembro de 2005, em Brasília (DF), com a participação de respeitados representantes da sociedade organizada e da academia, lendo a “capa” e o “índice” (a síntese e os títulos) dos três documentos, comentando-os brevemente e passando-os às mãos do presidente².

1.2. O ministro Jaques Wagner tomou a palavra dizendo ser necessário reafirmar os termos de Cabrobó (PE): não era iniciar, mas dar continuidade ao diálogo, pois o governo não aceita que não tivesse havido diálogo antes.

1.3. O ministro Ciro Gomes pede a palavra para contestar os termos da apresentação de Dom Luiz Cappio. Começa rechaçando que a *revitalização* seja uma “farsa”, pois este governo investiu mais que qualquer outro na revitalização e cita números do que está sendo feito em saneamento e recomposição da mata ciliar (mudas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra/MST). Não aceita que não *falte água no Nordeste* e, ironizando “um professor do Rio Grande do Norte”, tenta contrapor-se aos cálculos do professor João Abner, que confundiria a capacidade dos reservatórios com a água efetivamente disponível... Deu o exemplo de Campina Grande (PB), que sofre uma escassez crônica que a impede de crescer. Disse que a percepção empírica é diferente de quem está lá e de quem vê de fora. Discorre sobre sua

¹ Estavam presentes na audiência, realizada em Brasília (DF), no dia 15 de dezembro de 2005, além do presidente, os ministros Jaques Wagner e Ciro Gomes, e o porta-voz André Singer. Com Dom Luiz Cappio estavam Dom Tomás Balduino (presidente da Comissão Pastoral da Terra/CPT), Dom Mário Savieri (bispo de Propriá, SE), Dra. Luciana Khoury (Ministério Público da Bahia), Henrique Cortez (ambientalista), Adriano Martins (sociólogo), Leninha (Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas/CAA e Articulação no Semi-Árido Brasileiro/ASA) e Ruben Siqueira (Comissão Pastoral da Terra/CPT-BA). As observações em colchetes são de Henrique Cortez.

² Os três documentos são: **Por que somos contrários ao Projeto de Transposição de Águas do Rio São Francisco para o Nordeste Setentrional, Pauta de Discussão sobre a Bacia Hidrográfica do São Francisco e Pauta de Discussão sobre o Desenvolvimento Sustentável do Semi-Árido Brasileiro.**

experiência como governador do Ceará, quando entrou em colapso o abastecimento de Fortaleza (CE) e ele teve que fazer em tempo recorde o Canal do Trabalhador...

Discorda igualmente que o *rio São Francisco não agüenta a Transposição*. Aqui também haveria uma percepção diferente entre a população do São Francisco e a do Nordeste. Serão apenas 1,4% dos 2.800 m³/s que Sobradinho verte, como neste ano e no ano que vem também. A decisão do Comitê da Bacia Hidrográfica do São Francisco (CBHSF) teria sido egoísta ao definir apenas por 26 m³/s possíveis de serem transpostos se não houver usos para eles na própria bacia.

Reafirma que houve ampla *consulta à sociedade* sobre o Projeto, mas as audiências foram boicotadas, com liminares judiciais e até a mão armada, como em Aracaju (SE), insinuando estar por trás o governador João Alves. Acusa de termos propositalmente (“uma chicana”) deixado para a última hora o pedido de liminar contra a sessão plenária do Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH) que ia deliberar a favor do Projeto. Insinua que somos bem intencionados mas estamos fazendo o jogo do Partido da Frente Liberal (PFL, atual Democratas, DEM) da Bahia e de Sergipe. Disse que o governo federal convocou um seminário (o de 9 de dezembro) e enviou 1.500 convites, mas não veio ninguém, sinal de que nós não queremos de fato dialogar... *[Ruben contestou dizendo que foi de última hora e a menos de uma semana do Seminário que Dom Luiz Cappio havia convocado, com o intuito de esvaziá-lo...]*.

1.4. Dra. Luciana pede a palavra e faz a defesa do Ministério Público e da sociedade quanto às ações impetradas na Justiça, legítimas e estritamente dentro da legalidade, diferentemente do governo, que já iniciou as obras com o Exército, em desrespeito à determinação do Tribunal Regional Federal (TRF) da Bahia. Ao que o ministro Ciro Gomes retrucou dizendo que o Exército está em Cabrobó (PE) a serviço dos Trukás... *[“Esqueceu-se” que em Icó-Mandantes, Petrolândia (PE), local de tomada do Eixo Leste da Transposição, não existem Trukás e o Exército está operando.]*.

1.5. O presidente Lula toma a palavra e faz uma retomada histórica de sua posição frente ao Projeto de Transposição, desde a proposta do ministro Fernando Bezerra (governo Fernando Henrique Cardoso) que ele encontrou até a entrega ao ministro Ciro Gomes, passando pelo trabalho de consulta solicitado por ele ao vice-presidente José Alencar e pela campanha eleitoral, quando ele, ao contrário de outros, teria tido um mesmo discurso sobre o Projeto, tanto na região doadora quanto na receptora, afirmando que estudaria exaustivamente o assunto e só o faria se fosse viável sob todos os aspectos. E que se ele tomou a decisão de fazê-lo é porque esta viabilidade teria sido comprovada, porque ele não seria irresponsável de fazer isso sem essa comprovação. Todos os cuidados teriam sido tomados. E que o Projeto é ainda mais amplo: prevê a transposição de águas do Tocantins para o São Francisco e para o Parnaíba...

Por isso, ele não estaria entendendo a atitude de Dom Luiz Cappio e a nossa.

[Daqui para frente, seu tom de voz era quase sempre agressivo.] Sobretudo, o “gesto desagradável” pelo qual “registrou em cartório sua vida em minha responsabilidade”, o que teria sido, para ele, “muito constrangedor”. “Dom Luiz Cappio podia ter conversado comigo antes”, disse. *[Interessante é que este foi o mesmo argumento de Frei Betto contra o jejum de Dom Luiz Cappio...]*

Discordou veemente da expressão “socialmente injusta” e “insignificante” *[não reproduziu o “especialmente”]* referentes à Transposição, no texto lido por Dom Luiz Cappio. Disse que, se discordamos e nos mobilizamos contra o Projeto, outros tantos o fariam a favor, que ele poderia levantar “milhões de assinaturas” defendendo, ter “greves de fome a favor”, que há bispos no Nordeste que concordam. Inquiriu mais de uma vez: “Qual o fórum que disse isso?”; “Onde, quando e com quem vamos debater” e “Não aceitam a Transposição mas não querem discutir?”.

Afirmou não querer ser “o pai do Projeto”, mas que é possível e ele quer “fazer alguma coisa para minimizar a sede no Nordeste”. Afirmou estar disposto a fazer todos os debates que acharmos necessários (com técnicos, bispos, sindicalistas etc.), além dos muitos já feitos (na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil/CNBB, na Central Única dos Trabalhadores/CUT etc.), desde que acatemos a decisão que resultar deste processo, que não dá para ficar protelando... Que “o jurídico é bom porque chega uma hora e decide” *[Do que se infere estar apenas esperando a decisão favorável do Supremo Tribunal Federal/STF para começar as obras]*. Aceita o debate técnico mas não a luta política; que, se é para fazer movimento, luta política, ele também sabe e vai fazer, vai mobilizar quem apóia o Projeto...

Fez um desabafo: tem consciência de que está fazendo o certo, “o que é possível dentro da realidade política”, com consciência de que não é o ideal. Disse preservar seu maior patrimônio que é a “cabeça erguida”, com a qual entrou e vai sair da presidência, “voltar para São Bernardo”, para seu mesmo apartamento. Lá não teria “problema de água”... Ele quer fazer algo para resolver a seca no Nordeste, porque ele seria fruto dela (a migração de Pernambuco para São Paulo) e em Santos (SP) trabalhou no porto puxando pesados baldes de água e sabe da dificuldade. “Eu sei o que é falta d’água”, disse. Continuou afirmando que, se somos contra o Projeto de Transposição, é nosso direito ser, mas que temos o dever de mostrar alternativas, que ele está aberto a ser convencido do contrário, mas não sendo vai fazer a Transposição, não pode deixar de fazê-la...

1.6. Dom Luiz Cappio interrompeu para lembrar que inúmeras vezes havia procurado o governo sobre a Transposição, através da assinatura em inúmeros abaixo-assinados ao Planalto, o que de nada adiantou, que, então, não pode ser acusado de não ter procurado antes o governo. Se há real vontade de fazer algo contra a escassez de água no Nordeste, o governo deveria empregar a verba da Transposição em várias pequenas obras que comprovadamente dão mais resultado. Deu o exemplo: os 4,5 bilhões de reais [valor do orçamento da Obra àquela época...] dariam para construir três milhões de cisternas, o que daria duas para cada família do Semi-Árido...

1.7. O ministro Ciro Gomes questionou, ponderando que este dinheiro não existe e que o governo tem que administrar uma grande quantidade de demandas legítimas, e que isso é governar, na realidade, não no sonho da oposição. Afirmou que cisternas só não resolvem e o governo as está fazendo, no ritmo da Articulação no Semi-Árido Brasileiro (ASA), que é lento, o que é bom, pois não teria tanto dinheiro para mais e mais rapidamente. Complementou que aceita as críticas bem intencionadas, mesmo que equivocadas, mas não aceita falas como as de Dom Tomás Balduino, que acusou a obra de eleitoreira e para “fazer caixa 2” para a campanha eleitoral... Disse que isso não admitia, que era briguento mas jamais desonesto...

1.8. O presidente Lula retomou a palavra para dizer que a Transposição e as cisternas não são incompatíveis, mas complementares, uma atende à população difusa e a outra à população concentrada nos centros urbanos [*a mesma posição de Ciro Gomes*]. Que administra o dinheiro possível, com excesso de demandas, que a situação dele é “*como a de um pai que nega o dinheiro pedido pelo filho porque não tem para lhe dar, mas o filho vai para a rua dizer que o pai é ruim porque não lhe deu dinheiro*”...

Por fim, afirmou que quer o diálogo, que digamos onde, quando e com quem: “*Aproveitem que será a última chance para discutir*”. Insinuou que outro governo não vai ser complacente e aberto como ele tem sido com os movimentos sociais. Exigiu que o debate não seja *ad aeternum*, que precisa chegar a um termo, o qual deve ser acatado por todos. Disse que não podemos impor que seja discutida apenas a nossa proposta, sem querer debater a do governo. Propôs que façamos um calendário de debates, com quem acharmos que deve participar, os setores e as pessoas, mas que isso tenha uma data para acabar. E desafiou: “*se é possível resolver a água do Semi-Árido de outro jeito, provem*”. Sugeriu que vissemos os resultados da última Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio (PNAD) [*que comprovou que caiu a renda dos mais ricos e subiu a dos mais pobres*]. Concluindo, declarando que “*é por isso que acho que valeu a pena*” [*passar o que está passando na presidência*].

2. AVALIAÇÕES CRÍTICAS

2.1. Confirmou-se plenamente o quanto *a greve de fome atrapalhou os planos do governo*. Provavelmente não fosse ela e a reação popular que desencadeou a obra da Transposição já teria começado. Isto aponta a retomada da mobilização popular como o que ainda pode fazer a diferença, já que, superada a greve, o governo voltou ao comando das ações e busca remover todos os obstáculos para concretizar a obra.

2.2. Ficou claro que *a Transposição é uma decisão do governo*, com o presidente Lula pessoalmente comprometido com a obra, o que se soma ao empenho (e interesse particular) do ministro Ciro Gomes. Não é este o único grande interessado e promotor da obra, como alguns vinham pensando, imaginando que ele teria se imposto ao governo e este teria cedido.

2.3. Outro aspecto quanto a isto é que o governo *não aceita discutir a oportunidade ou necessidade do Projeto de Transposição*, isto está fora de

cogitação. Aceita, quando muito, agregar algum aperfeiçoamento por ventura trazido pelas críticas.

2.4. Neste sentido, ficou patente a *compreensão, por parte do governo, de que nossas propostas são complementares à Transposição*, jamais opostas a ela. Na estratégia de cooptação e legitimação, isto é fundamental para eles. Como não cair nessa?

[Achamos que nosso pior momento na audiência foi o cálculo de Dom Luiz Cappio das três milhões de cisternas, duas para cada família do Semi-Árido, incluindo água para a produção. Isso deu chance para a complementaridade que eles pretendem impingir. Por outro lado, o aspecto positivo foi a revelação de que o governo não dispõe dos recursos, quer dizer, vai começar uma mega-obra sem dinheiro, confirmando que querem mesmo apenas começar e ficar com os louros (e lucros) disto...]

2.5. O governo prossegue com a *estratégia de cooptação*, ao propor tantos debates quanto quisermos. É por onde tenta vencer-nos, dar satisfação à sociedade, legitimar a obra. Fica o desafio: como realizar os debates sem produzir este efeito pró-governo?

2.6. Ficou mais do que patente que, afora o aspecto eleitoral, o *objetivo do projeto é levar água para uso econômico* (principalmente o pólo industrial, tendo a siderurgia como eixo, do Porto do Pecém, na Grande Fortaleza, um dos portos brasileiros mais próximos do Hemisfério Norte...). A segurança hídrica alegada é para o agro e hidronegócio, não o abastecimento humano rural e urbano (para o qual eles sabem, mas não admitem, há água mais que suficiente).

2.7. Com a declaração de Lula de que são *três transposições* (as outras duas são do Tocantins para o São Francisco e para o Parnaíba), ficou evidente, se ainda não estivesse, que a Transposição do São Francisco é parte de uma infra-estrutura muito maior para o capital globalizado no Nordeste. O desenvolvimento do Nordeste, está decretado, irá por aí, não há alternativa, não se admite a possibilidade de um desenvolvimento com outra e verdadeira sustentabilidade...

2.8. *Não estamos tendo suficiente e ágil organicidade* para responder às demandas urgentes que foram estabelecidas, como a divulgação rápida de uma versão bastante melhorada dos textos produzidos, a preparação dos debates que o governo propõe etc.

* *Ruben Siqueira é sociólogo, mestre em Ciências Sociais (UFBA), agente pastoral da Comissão Pastoral da Terra (CPT) – Bahia e articulador geral do Projeto Articulação Popular pela Revitalização do Rio São Francisco. [rubensiq@ibest.com.br]*

** *José Henrique Cortez é ambientalista, com especialização em gerenciamento de riscos (Estados Unidos), vice-presidente e coordenador de Projetos Socioambientais da Câmara de Cultura (Rio de Janeiro) e*

coordenador do Portal EcoDebate (www.ecodebate.com.br).
[henrique@camaradecultura.org; henriquetortez@ecodebate.com.br]